



# Oficina de expressividade para universitários em situação de apresentação de seminários

## Expressiveness Workshop to university students in the position of presenting seminars

## Taller de expresividad para estudiantes universitários en condicion de presentación de seminarios

*Raquel Aparecida Sousa Azevedo Souza\**

*Ana Carolina Nascimento Fernandes\*\**

*Léslie Piccolotto Ferreira\*\*\**

### **Resumo**

O fonoaudiólogo tem histórica experiência na área de assessoria aos profissionais da voz e, motivado pela demanda de seus clientes, o interesse desse profissional tem crescido na área da expressividade. As situações de apresentação de seminário representaram o recorte escolhido por este estudo na discussão da preparação de universitários para o falar em público, por ser um aspecto pouco explorado pela literatura. Este estudo teve por objetivo analisar uma proposta de preparação fonoaudiológica na comunicação de universitários durante apresentação de seminários, realizada e descrita em seis encontros. Para investigar os efeitos dessa proposta foram analisados os dados referentes aos participantes deste estudo, registrados antes e após a sua realização. A intervenção foi julgada pelos participantes de modo positivo.

**Palavras-chave:** fala, voz, comunicação

*\*Universidade do Estado da Bahia – UNEB, \*\*Mestranda do Programa de Estudos Pós Graduated em Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, \*\*\*Professora Titular da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde PUCSP*



## Resumen

*El fonoaudiólogo tiene experiencia histórica en el área de asesoramiento a los profesionales de la voz y, motivados por la demanda de sus clientes, el interés de ese profesional ha aumentado en el ámbito de la expresividad. Las situaciones que presentación de seminarios representan el corte la elegido para este estudio que discute la preparación de estudiantes universitarios para hablar en público, por ser un aspecto poco explorado por la literatura. Este estudio tuvo como objetivo analizar una propuesta de preparación fonoaudiológica para la comunicación de estudiantes universitarios en la presentación de seminarios, realizada y descrita en seis encuentros. Para investigar los efectos de esa propuesta se analizaron datos de los participantes registrados antes y después de su realización. La intervención fue juzgada por los participantes de una manera positiva*

**Palabras claves:** habla, voz, comunicación

## Introdução

Por muitas vezes, na vida acadêmica, é possível se deparar com situações de apresentações em público. O seminário é uma técnica de ensino que envolve pesquisa e partilha, sendo, por esse motivo, uma constante prática no ensino superior. É considerado um método de estudo e de ensino próprio de cursos universitários de graduação e pós-graduação, que objetiva uma reflexão aprofundada de determinado problema <sup>[1]</sup>.

Quando um professor propõe uma atividade que envolve o falar para um grupo de pessoas, é comum a pergunta: “Todos têm que apresentar?”. Decerto que não é essa a proposta do seminário – fazer todos falarem. Por ocasião da apresentação, a equipe não deve se dividir em falas como em um jogral, mas todos devem participar, exercendo variados papéis <sup>[1]</sup>. No entanto, a questão lançada pelos alunos não se refere, em geral, ao método do seminário, mas ao ter que se expor ou não, visto que a frase é, muitas vezes, completada com um “Ah! Eu não gosto de apresentar” ou “Eu fico nervoso, gaguejo” ou relatos parecidos. A Fonoaudiologia, devido ao seu objeto de estudo, é aproximada do tema do medo ou dificuldade de falar em público e entre as pessoas que procuram um aperfeiçoamento vocal ou de fala são encontrados indivíduos com essa problemática <sup>[2]</sup>.

A preocupação em se apresentar não deveria ter fundamento, visto que o conteúdo abordado, a estruturação do seminário e a discussão promovida é que devem, em essência, ser o norte de uma

avaliação de seminário. Caberia apenas ao sujeito expressar o que sabe, não permitindo que aspectos formais se sobreponham ao conteúdo. No entanto, aspectos relativos à comunicação são os apontados como de maior dificuldade por muitos dos que se apresentam e encontram ressonância na valorização dada a esses aspectos por parte de seus avaliadores. É o que se observa em uma obra de metodologia científica para o curso de Direito ao referir que a avaliação do seminário deve pautar-se no roteiro, na seleção, no uso do material didático e na exposição oral, explicitando para o último item o controle de si, da voz, do vocabulário e do relacionamento da classe <sup>[3]</sup>. Descreve-se como cada etapa deve ser conduzida e uma série de recomendações a serem seguidas na preparação do seminário. Contudo, para o controle de si e para a voz não há uma menção sequer, exceto a obrigatoriedade de ser avaliada.

As Instituições de Ensino Superior (IES) têm em suas funções a de inserir o homem no contexto social, trazendo como princípio básico o respeito às necessidades individuais, sociais, intelectuais, técnicas e morais, o que pode ser entendido como objetivo da educação <sup>[4]</sup>.

Ser aluno envolve o cumprimento de tarefas, horários, dentre outros deveres; é se submeter a orientações e avaliações, ou seja, é ser trabalhador. Entendendo que ofício significa ocupação e trabalho, é importante compreender como uma instituição de ensino se prepara ou se depara com o ofício de aluno, visto que dar sentido ao ofício e torná-lo um exercício prazeroso e de qualidade

corresponde a atitudes e hábitos que levam o aluno a aprender a aprender <sup>[5]</sup>. É preciso definir quais as capacidades que se pretende desenvolver nos alunos para que se possam determinar os objetivos ou finalidades da educação <sup>[6]</sup>.

Considera-se que a quantidade e a qualidade de fala a que o indivíduo está exposto, as oportunidades que tem para falar; as reações que encontra à sua produção de fala influenciam o seu desejo de mostrar-se (ou não) como falante e a formação de uma imagem de si como ser que fala <sup>[7]</sup>.

Falar em público se constitui em um dos maiores medos da sociedade atual. Para lidar com o medo de uma forma positiva, transformando a situação entendida como ameaçadora em desafiadora <sup>[8-9]</sup>, são recomendáveis ações como o estudo, o autoconhecimento e a experiência <sup>[10]</sup>.

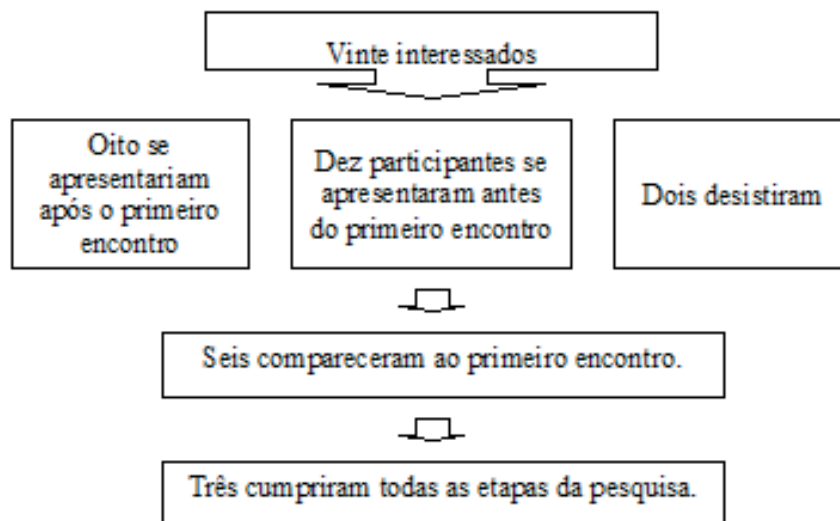
Para tanto, esse estudo visa analisar uma proposta de oficina fonoaudiológica, com foco na expressividade, dirigida a estudantes universitários, em situação de apresentação de seminário.

## Material e método

Este estudo, de natureza descritiva e análise qualitativa, foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição em que foi realizado

sob o registro 050/2006 e configura-se em uma pesquisa-ação, que analisa uma proposta de oficina fonoaudiológica, com uma população de universitários. Uma determinada Instituição de Ensino Superior (IES), localizada na região metropolitana de Salvador, foi escolhida para esse estudo. Optou-se por estudantes do curso de Direito pelo valor e responsabilidade que a expressividade assume durante a formação e o cotidiano desse profissional.

Discentes do quarto semestre das turmas matutinas foram procurados após consentimento da IES, representado pelo coordenador das Faculdades de Ciências Jurídicas da instituição. O objetivo desse contato foi reunir de seis a dez discentes, número assim delimitado por se considerar mais adequado para o desenvolvimento da proposta e acompanhamento dos participantes. Foram considerados participantes da pesquisa somente os que se fizeram presentes em todos os encontros propostos. Na Figura 1, encontra-se um esquema ilustrando essa seleção.

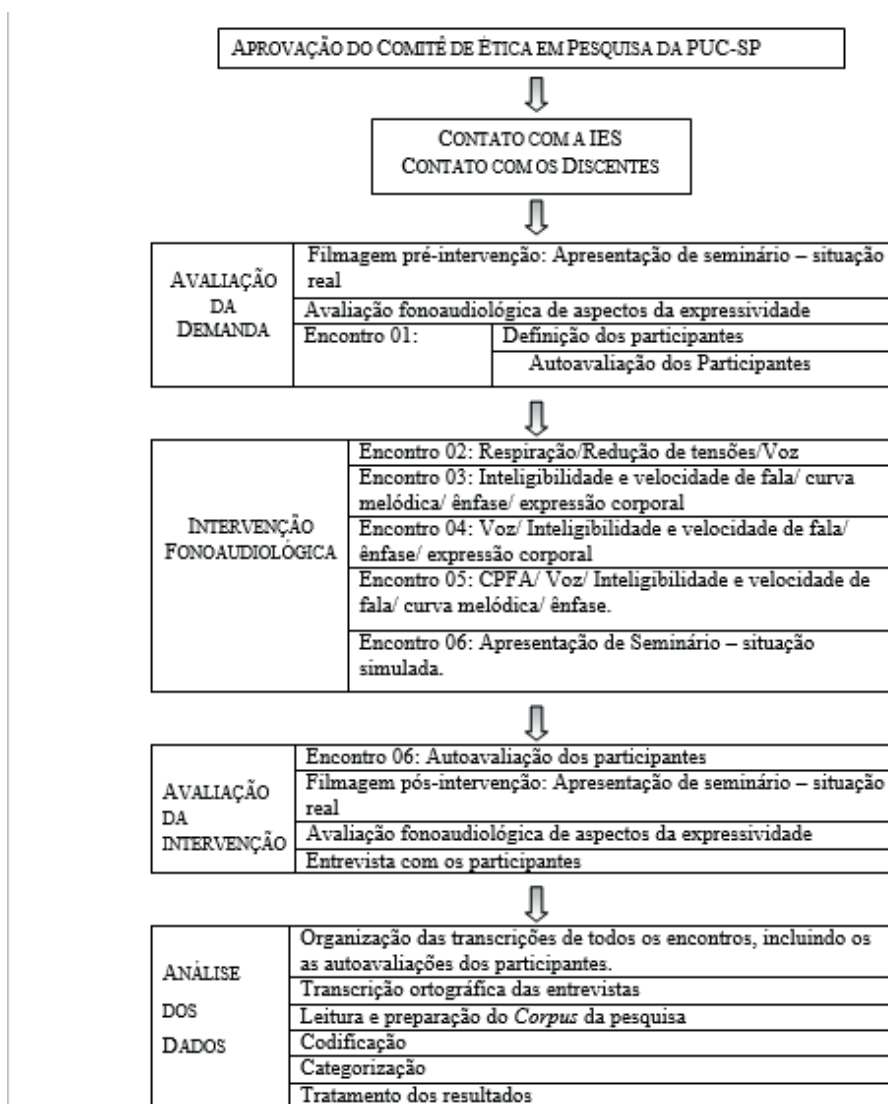


**Figura 1 – Esquema da seleção dos participantes**

## PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

A Figura 2 organiza as atividades relacionadas aos procedimentos da pesquisa para coleta e posterior análise dos dados. Deste ponto em diante, a fonoaudióloga passa a ser representada pela letra F. A observadora (O) não participava dos debates

durante as oficinas, mas assistia aos encontros, fazia os registros escritos do que observava e gravava o que os sujeitos diziam em fita cassete com gravador Panasonic (modelo RQ-L319). Com esses registros (anotações da Observadora e análise das fitas) os encontros foram descritos.



**Figura 2 – Fluxograma das etapas desenvolvidas para a realização desta pesquisa**



## **Avaliação da Demanda**

Todos os participantes que confirmaram interesse em participar da pesquisa foram filmados em um mesmo seminário da disciplina de Criminologia, porém em equipes diferentes. As apresentações de seminário foram registradas em mini-DVD Sony® e por câmera filmadora digital da marca Sony®, modelo Handycam® DCR-DVD108, após a autorização da docente da disciplina.

Pela presença no primeiro encontro, cujo objetivo era promover a autoavaliação dos participantes, ficou definido quem seguiria na intervenção e deu-se início ao mapeamento das necessidades desse grupo. A autoavaliação dos participantes diz respeito aos comentários livres realizados por eles ao longo do primeiro encontro, momento em que assistiram às filmagens de suas apresentações e avaliaram a si mesmos e aos seus colegas, assim como efetuaram o registro escrito.

A avaliação fonoaudiológica correspondeu à análise das filmagens. A pesquisadora e mais duas fonoaudiólogas, consideradas juízas deste estudo, realizaram a análise. Todas as fonoaudiólogas tinham pós-graduação e experiência clínica mínima de três anos na área de voz profissional. As imagens foram exibidas sem cortes ou edição. Cada juíza assistiu aos registros separadamente.

Os parâmetros que nortearam a avaliação fonoaudiológica foram consensuais entre as juízas, sendo adaptados das recomendações descritas em Kyrillos (2005) <sup>[9]</sup>, constituindo-se de: postura corporal, gestos, recursos da ênfase, interação com o público, o quê transmite e movimentação.

### **Proposta de Intervenção Fonoaudiológica**

Os encontros possuíram cerca de 100 minutos de duração, ou duas horas/aula, uma delimitação de tempo comum aos planejamentos acadêmicos e satisfatórios para o andamento das atividades propostas.

Nos encontros estavam reunidos os discentes participantes da pesquisa, a fonoaudióloga-pesquisadora (F) e a observadora (O). A intervenção propriamente dita teve por objetivo fazer com que cada participante fosse levado a conhecer a própria expressividade, avaliando a si e aos demais, assim como a vivenciar, por meio de atividades discursivas e exercícios práticos, novas

possibilidades de uso dos seus recursos vocais e corporais.

O planejamento da intervenção fonoaudiológica se baseou na avaliação das necessidades específicas dos participantes da pesquisa, obtida com a avaliação fonoaudiológica e autoavaliação dos participantes, em associação com as sugestões apontadas por um estudo fonoaudiológico com pessoas que tem dificuldades de falar em público <sup>[2]</sup>. Em uma abordagem dialógica, foram utilizadas estratégias de sensibilização dos atributos pessoais de expressividade, especialmente quanto à coordenação pneumofonoarticulatória, velocidade de fala, inteligibilidade de fala, adequação da ênfase e curva melódica, além de estratégias corporais voltadas para aspectos posturais, harmonia de gestos e da movimentação durante as apresentações, entendendo que corpo e fala se complementam na expressão.

Aplicada à proposta apresentada, partiu-se das experiências dos discentes com relação às suas apresentações em seminários para, por meio de definições, técnicas e desenvolvimento de novas habilidades, refletir e compreender o uso que fazem da expressividade em busca de torná-la o mais eficiente e próxima dos seus objetivos pessoais.

## **Avaliação da Intervenção**

A avaliação da proposta de intervenção fonoaudiológica pelos próprios participantes foi realizada em dois momentos: imediatamente ao final do último encontro e, cinco meses depois, por meio de entrevistas. Além disso, foram filmados em situação real de apresentação de seminário e esse registro foi encaminhado para a avaliação fonoaudiológica pós-intervenção. A avaliação fonoaudiológica também corresponde ao segundo momento de avaliação dos resultados.

## **Avaliação ao término da intervenção**

Ao final do último encontro, logo após um exercício em que simularam uma apresentação de seminário, os sujeitos registraram por escrito suas autoavaliações. Foi entregue uma folha de papel em branco e solicitado aos participantes que escrevessem sobre os aspectos positivos e negativos

da última apresentação. No entanto, houve uma excessiva objetividade no registro escrito, tanto na autoavaliação pré-intervenção, quanto realizada no pós-intervenção. Por essa razão, optou-se pela realização de mais um procedimento de autoavaliação – a entrevista - para que se pudesse conhecer mais sobre a opinião dos participantes em relação às suas apresentações e sobre a avaliação fonoaudiológica.

### **Avaliação cinco meses após a intervenção (Follow-up)**

Os participantes foram novamente filmados em situação real de apresentação de seminário. As apresentações ocorreram cinco meses após o término da intervenção. Logo após as filmagens, realizadas dessa vez pela própria pesquisadora, agendou-se um horário para entrevistar cada um deles. Nas entrevistas, de caráter semi-estruturado, a pesquisadora iniciou questionando a opinião sobre a última apresentação e seguia com novas perguntas, conforme a condução do entrevistado. Foram realizadas perguntas desde autoavaliação em comentários positivos ou negativos referentes tanto à última apresentação, até o processo da intervenção fonoaudiológica como um todo, especialmente o aproveitamento e se ainda fazem uso de alguma das atividades desenvolvidas antes de alguma apresentação ou mesmo como rotina diária.

### **Resultados e Discussão**

Antes de apresentar e discutir os resultados da pesquisa cabe dizer que, apesar da intervenção ter sido pensada com base numa escuta diferenciada para os sentidos da expressividade [27], para as descobertas individuais [28], numa postura problematizadora e reflexiva [23], isso nem sempre foi alcançado. Em alguns momentos, pressionada pelo prazo determinado de encontros, pré-fixado, inexistente nas práticas de caráter terapêutico, outras vezes por revelar o que é mais comum, quase um “vício de orientar”, típico de alguns modelos de formação fonoaudiológica; a fonoaudióloga-pesquisadora nem sempre conseguiu sustentar a conduta pretendida na intervenção, deixando importantes reflexões fora de questão ou respondidas com dicas, que se mostraram pouco eficientes.

Quanto aos dados da pesquisa, no Quadro 1 estão as características dos sujeitos da pesquisa como idade no início da intervenção, gênero e se foram observadas ou relatadas dificuldades relativas à comunicação oral por meio de filmagens ou ao longo do primeiro encontro. Por motivos éticos, os participantes foram descritos pela letra P seguida de números (1 a 3) e todos leram e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

**Quadro 1 – Descrição dos participantes por idade, gênero e dificuldades relativas à comunicação oral**

<b>PARTICIPANTES</b>	<b>IDADE</b>	<b>GÊNERO</b>	<b>DIFICULDADES NA COMUNICAÇÃO ORAL</b>
<b>P1</b>	20	MASCULINO	Não observada ou relatada
<b>P2</b>	37	FEMININO	Voz (fadiga e prejuízo na qualidade vocal)
<b>P3</b>	19	MASCULINO	Não observada ou relatada





Dos vinte sujeitos inscritos, seis se apresentaram para o primeiro encontro. No entanto, apenas três cumpriram todas as etapas da pesquisa (filmagem pré-intervenção, participação na intervenção, filmagem pós-intervenção, entrevista), tendo sido, portanto, os únicos sujeitos considerados para análise nesse estudo. O corpus da pesquisa foi analisado segundo uma proposta previamente estabelecida [11]. Foram consideradas para análise a autoavaliação realizada no último encontro, as entrevistas dos três participantes e a avaliação fonoaudiológica pré e pós-intervenção.

A evolução na perspectiva das fonoaudiólogas foi mais bem percebida numa única participante, visto que, dos dois outros, um apresentou um aperfeiçoamento, pois se mostrou eficiente desde o início e o outro, apesar de todo o interesse e participação ao longo da intervenção, demonstrou resistência a mudanças. A proposta apresentada se constituiu em uma prática clínica, não terapêutica e educativa, devendo o fonoaudiólogo refletir sobre a metodologia a ser empregada nas suas ações com grupo de pessoas. Conforme evidencia a literatura adotada neste estudo, os resultados de uma prática educativa de cunho construtivista e atenta à diversidade não são tão uniformes como no modelo tradicional. Não se busca o modelo ideal para intervir ou uma “fórmula magistral”, mas a melhora da prática.

Para os participantes, conforme o que referiram sobre si mesmos, os efeitos positivos da intervenção foram percebidos pelos três nos aspectos orais (em quesitos diferentes para cada um) e aspectos emocionais (referem sentir mais segurança); por dois participantes quanto aos aspectos interacionais (acreditam que atingem melhor suas plateias) e apenas por um participante com relação aos aspectos corporais (que entende essa como sua maior evolução). Eles julgaram a si mesmos como mais eficientes nas últimas apresentações, quando comparados à apresentação que antecedeu a intervenção.

Assistir às filmagens, a análise do grupo, técnicas para articulação e técnicas vocais foram as estratégias lembradas pelos participantes cinco meses após a intervenção e, para algumas delas, houve referência a uma prática habitual ou, ao menos, antes de apresentações. A intervenção foi julgada pelos participantes de modo positivo. Entenderam como válido ter participado dos encontros e um dos participantes expressou

o desejo de continuar com o que chamou de “exercício de aprendizagem”.

A autoavaliação realizada pelos participantes no primeiro momento pós-intervenção foi obtida após se apresentarem no seminário simulado do último encontro, no qual assistiram às filmagens correspondentes passando ao registro escrito de suas análises. P2 não fez a separação dos aspectos positivos e negativos. Para não prejudicar a fidedignidade da transcrição, seus registros foram mantidos sem essa diferenciação e estão dispostos no Quadro 2. No Quadro 3, foram revelados os resultados da avaliação fonoaudiológica correspondente ao *follow-up* da pesquisa.

As categorias encontradas a priori foram: **aspectos orais, aspectos corporais, aspectos emocionais e aspectos interacionais**. Somente após a leitura dos resultados da pesquisa, as categorias **estratégias** e **juízo** se definiram. Paralelamente à descrição dessa análise por categorias, foi realizada correlação entre a visão dos estudantes com os dados apontados pela avaliação fonoaudiológica pré e pós-intervenção, associados às inferências da pesquisadora, que buscou sustentação de sua análise na literatura

**Quadro 2 – Análise fonoaudiológica da expressividade dos participantes antes da intervenção fonoaudiológica**

	<b>P1</b>	<b>P2</b>	<b>P3</b>
<b>Postura</b>	Inadequada (cabeça e ombros voltados para frente)	Inadequada, tensa	Tensa, inadequada, presa
<b>Gestos</b>	Exagerados, excessivos, mas coordenados com as ênfases; meneios de cabeça adequados	Exagerados (mãos); meneios de cabeça inadequados com olhar fixo para cima.	Mãos - repetitivos, inadequados, meneios de cabeça descontextualizados
<b>Movimentação</b>	Repetitiva e exagerada	Balaceios/movimentação excessiva	Não explora o espaço/em pé, porém parado
<b>Recursos da Ênfase</b>	Presentes, porém predomínio de aumento de loudness	Presentes, mas inadequadas.	Inexistente
	Uso apropriado de pausas expressivas	Ausência de pausas expressivas.	Uso inadequado de pausas
	Curva melódica variada, com predominância ascendente	Curva melódica variada, com predominância ascendente	Curva melódica linear
	Ritmo da fala variado	Ritmo repetitivo	Ritmo repetitivo
	Velocidade de fala variada	Velocidade média de fala	Velocidade de fala constante/ média
<b>Interação com o público</b>	Interage bem	Regular	Não interage
<b>O que transmite</b>	Segurança	Insegurança	Insegurança, preso ao texto
<b>Outros</b>	-	Como se buscasse o conteúdo	Sem variação de pitch

**Quadro 3 – Descrição do primeiro encontro**

<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b><i>Avaliar as necessidades específicas dos participantes.</i></b>
<b>Objetivo</b>	1.Propiciar a interação entre os participantes e a fonoaudióloga; 2.Apresentar a proposta da intervenção; 3.Favorecer e registrar a autoanálise com relação à expressividade.
<b>Estratégia</b>	1.Apresentação de cada membro ao grupo, falando de si e se teve ou não algum tipo de treinamento para falar em público; 2.Leitura comentada do termo de consentimento; 3.a Assistir as filmagens das apresentações em grupo, instigando a avaliação por parte dos participantes de si mesmos e dos demais oralmente; 3b. Solicitar que escrevam sobre os aspectos positivos e negativos de sua apresentação.



## ASPECTOS ORAIS

**PARTICIPANTE 1 (P1)** – Entre os recursos vocais destacados, as fonoaudiólogas-avaliadoras antes da intervenção, encontraram: presença de ênfases adequadas, porém um predomínio de aumento de loudness; presença adequada de pausas expressivas, uma curva melódica variada com predominância ascendente; velocidade de fala e ritmo variados. São considerações, em sua maioria, positivas.

No entanto, a imagem que P1 desenha de si mesmo é negativa, pois acredita que: “E eu acho que tenho muito sotaque... Meu sotaque é muito forte e acho minha voz fina, sempre achei. Tem horas então...”. Entre as queixas mais frequentes do grupo de advogados participantes do curso de oratória o fato de considerarem sua voz feia ou voz incompatível com a imagem profissional, transmitida pela ideologia do advogado se expressar com voz potente e que transmita, “ao mesmo tempo, segurança, força, conhecimento e poder” [12].

Após a intervenção, a avaliação fonoaudiológica indica o aprimoramento com uso mais variado dos recursos vocais da expressividade, especialmente quanto à ênfase e à curva melódica. P1 não faz mais referências negativas à sua qualidade vocal ou ao sotaque, mas traz a respiração como aspecto negativo, ou seja, em sua anotação refere algo que mencionou em vários encontros, a dificuldade que sentiu em modificar seu padrão respiratório.

À entrevista, aponta a voz como elemento de diferença entre a primeira e a segunda apresentação:

*“Porque eu acho que minha voz era muito fina, (...) eu acho que melhorou também nesse aspecto.  
(...) a entonação da voz, eu acho que ficou mais ampliada, eu não precisei gritar para falar, atingiu a todos.”*

Ao utilizar o termo ‘entonação’, aparentemente ele se referia à articulação, talvez sem a consciência que esse conforto conquistado por ele deve ter influenciado nos aspectos entoacionais de sua fala, possibilitando-lhe maior variação. Apesar da dificuldade com o suporte respiratório, seu relato demonstra melhor projeção da voz no espaço. A voz antes considerada “fina”, com os exercícios de

*humming*, ganhou uma emissão mais próxima da sua emissão natural. Ele passou a conhecer a sua região de conforto, associada a uma articulação mais ampliada, a projeção da voz foi facilitada, o que colabora com a percepção de integração entre o sujeito e sua voz [13-14].

**PARTICIPANTE 2 (P2)**- A avaliação fonoaudiológica antes da intervenção descreveu a expressividade oral, em relação aos recursos vocais, em presença de ênfases, porém inadequadas; ausência de pausas expressivas; curva melódica variada, com predominância ascendente; ritmo repetitivo e velocidade de fala média. Como a avaliação fonoaudiológica não contemplou a qualidade vocal, não foram identificadas as principais necessidades de P2, ao menos em sua visão. P2 referiu sobre si mesma na autoavaliação pré-intervenção que falar em tom moderado (conseguindo assim chamar a atenção das pessoas) foi um aspecto positivo, mas o grande esforço que sentia ao produzir a voz, seu cansaço vocal, foi visto como aspecto negativo de sua primeira apresentação. Em ambos os aspectos, a voz foi o principal objeto de sua atenção.

Na avaliação fonoaudiológica pós-intervenção houve a percepção que P2 passou a utilizar adequadamente e de forma variada ênfase, inclusive com uso de pausas expressivas, velocidade de fala e ritmo variados. Ou seja, indicou evolução positiva. A mesma tinha demonstrado certa facilidade no encontro destinado à vivência com relação aos recursos da ênfase (Encontro 5). Ter a oportunidade para essa vivência demonstrou ser o suficiente para compreender como explorar melhor tais recursos [14].

Embora na autoavaliação imediatamente após a intervenção, não tenha mencionado mudanças com relação a sua voz, na entrevista ela destaca esse aspecto em dois momentos:

*Porque mexeu na minha postura, na minha voz...  
Hoje eu tento controlar mais a minha voz,  
(...). Um tom equilibrado.*

A loudness está entre os elementos relacionados à dinâmica vocal, ou seja, passível de modificação e controle pelo falante [15]. A participante revelou durante os encontros que falava em forte intensidade e que chegou a ouvir comentários de sua mãe

sobre como era agressiva a sua fala. Com o tempo, forçou-se a um padrão mais fraco, tanto que foi uma surpresa para o grupo tal declaração. No entanto, esse “fraco” acontecia às custas de sopro e esforço à fonação, o que demonstra na prática o que é verificado na literatura<sup>[14]</sup>: “... usar a voz constantemente em intensidade baixa pode ser tão prejudicial quanto permanecer em intensidade alta, se estiver em desacordo com a natureza do indivíduo”. Nem uma voz que agrida as pessoas pela força nela empregada, nem uma emissão distanciada da personalidade de alguém tão comunicativa, de riso solto e sonoro. A busca pelo equilíbrio é, em si, uma conquista revelada em sua fala:

*“Você lembra que eu falava alto? Hoje eu tento controlar mais a minha voz, meu tom de voz... Nem muito alto, nem muito baixo. Um tom equilibrado”.*

**PARTICIPANTE 3 (P3)** - Na avaliação pré-intervenção, as fonoaudiólogas o descreveram com ênfase inexistente, uso inadequado de pausas, curva melódica linear, ritmo repetitivo e uma velocidade média e constante, sem variações. Em outras palavras, o participante não explorava os seus recursos vocais em sua expressividade.

Mas a sua auto-observação indicou como aspecto positivo o que chamou de “controle (mesmo que breve) da dicção”. No entanto, no último encontro, P3 referiu sobre si mesmo que melhorou sua articulação.

A avaliação fonoaudiológica pós-intervenção indicou evolução bastante limitada, com referência de pouca variação à velocidade de fala e poucas ênfases consideradas adequadas (poucas pausas expressivas, embora presentes), contudo permanecia com curva melódica linear e ritmo repetitivo.

No *follow-up* pode-se inferir que sua evolução foi restrita com relação ao uso variado dos recursos vocais por não ter obtido, ao longo da intervenção, um conhecimento sobre si mesmo. Ele se mostrou muito participativo e interessado em todos os encontros, mas diversas vezes, ao longo da intervenção, deu sinais de sua dificuldade em falar de si mesmo, de se perceber. O único aspecto que refere ter prestado mais atenção foi a articulação da fala:

*Aí depois, você, é, somando com as técnicas de dicção, fica perfeito.*

*Acho que isso me ajuda a abrir mais a boca e melhora minha dicção.*

Aponta a respiração como sua maior dificuldade, algo que não mudou.

*(...) aquela respiração que fica por aqui (aponta para a região abdominal).*

Mas ele mesmo explica, com sua singular sinceridade, o motivo da não evolução:

*Falta de, de... Não sei se foi falta de força de vontade de fazer em casa mesmo, não coloquei muito em prática a questão da respiração (...)*

A dicção é a forma popular com que a articulação dos sons da fala é conhecida, é considerada precisa quando proporciona boa inteligibilidade de fala<sup>[16]</sup>, quando está desviada compromete a clareza da fala e, por consequência, a qualidade do discurso<sup>[17]</sup>. Muitos são os estudos que tratam da importância da articulação para a expressividade<sup>[18-22]</sup>.

Uma articulação mais ampla e precisa foi realmente um foco do trabalho desenvolvido frente a tantas preocupações com uma fala rápida, que prejudicava a compreensão de alguns trechos do discurso. Seria surpreendente se uma evolução dessa natureza não fosse observada.

Pode-se dizer que os três participantes tiveram evolução positiva. No entanto, P1 e P2 tiveram evolução satisfatória para uma intervenção breve. Os momentos de vivência em grupo demonstraram ter sido suficiente para mudanças relativas à dinâmica vocal desses universitários, pois conhecem melhor os recursos disponíveis e como utilizá-los de acordo com o objetivo de cada apresentação. Mas isso não significa dizer que são falantes perfeitos, mesmo porque esse estudo se distancia de qualquer tipo de padrão idealizado de fala ou, melhor dizendo, de falante. Mas, ao se conhecer, novas mudanças são possibilitadas e, ao longo da vida de cada um, serão realizadas de modo produtivo na interação verbal, exercendo o papel que lhes cabe de agentes dessas mudanças, donos de suas vozes<sup>[23,24]</sup>.

Por essa mesma razão, os resultados referentes à P3, apesar de acontecerem em pequena proporção, não são tomados como efetivos, pois ele demonstrou desde o primeiro encontro, grande dificuldade em se perceber, em perceber os efeitos da sua expressividade, o que torna mais difícil a constante evolução. As estratégias desenvolvidas não se

mostraram suficientes para um autoconhecimento. Talvez ele precisasse de mais tempo, análises e encontros, mas isso fica no âmbito das conjecturas. Decerto, tem-se que ele está seguro com seu jeito de se apresentar. Não tem queixas. Mais ainda, entendendo que não há um padrão a seguir, caberia saber se o uso de uma entoação sem grandes variações, com curva linear e um ritmo repetitivo, marcado, não seria a expressão de um jovem que quer permanecer no “afirmativo” todo o tempo, se não isso não significaria segurança para ele. Se ao longo da intervenção houvesse um questionamento desse simbolismo sonoro [25], novas possibilidades teriam sido abertas.

Cabe destacar que a intervenção, apesar de buscar não descontextualizar os recursos vocais, não contemplou os recursos verbais da expressividade oral. Assim como, ressaltar que P2 ainda requer melhorias à qualidade da voz, tendo sido encaminhada para uma intervenção clínico-terapêutica. A intervenção proposta não trouxe, pelas escolhas feitas frente à delimitação do tempo, a temática do bem-estar vocal para ser vivenciada entre eles, o que teria sido de grande valia para todos, particularmente para essa participante.

## ASPECTOS CORPORAIS

### PARTICIPANTE 1

A avaliação fonoaudiológica anterior à intervenção descreveu os recursos não verbais utilizados por P1 da seguinte forma: postura inadequada, por estar com cabeça e ombros voltados para frente; gestos exagerados, excessivos, mas coordenados com as ênfases, assim como meneios de cabeça adequados e movimentação repetitiva e exagerada. P1 utilizava dois recursos didáticos nessa primeira apresentação, o data show e anotações que fez em um quadro branco colocado no chão da sala, abaixo do lugar em que estava sendo projetada a imagem. Por isso, movimentava-se demasiadamente. Estatura alta, braços compridos e, talvez por isso, seus gestos, que eram realmente intensos, chamavam a atenção.

Reconheceu que muito de sua gesticulação poderia ter sido evitada, assim como sua postura poderia ser diferente, e mencionou esses aspectos na sua autoavaliação como sendo negativos (“*Posicionamento corporal; Muita gesticulação*”). No entanto, após assistir às demais apresentações,

entendeu como positiva a sua movimentação e escreveu “*saber circular (andar) durante a exposição*”.

Na avaliação do último encontro, os aspectos corporais tomaram boa parte do que considerou positivo: “*menos gesticulação*”; “*boa postura*”; domínio com o uso do quadro e “*boa movimentação*”. Entendeu como negativo o seu deslize com a roupa que escolheu para usar no dia (camiseta e bermuda esportiva e sandálias de borracha).

Porém, a avaliação fonoaudiológica do *follow-up* indicou que a postura não mudou a ponto de ser considerada adequada, que os gestos não eram mais excessivos, mas se mostraram repetitivos e teve problemas quanto à movimentação no espaço. Com relação a esse último aspecto, mais uma vez, o recurso didático escolhido influenciou o resultado, pois no exercício do último encontro ele usou apenas o quadro branco, mas na última apresentação, utilizou o DVD para imagens e apontamentos. O problema é que não podia se afastar muito do aparelho, pois apenas ele na equipe tinha domínio no uso daquele aparelho que não tinha controle remoto. Talvez por entender suas limitações, o contexto em que se apresentou, não fez menção negativa à sua movimentação na entrevista, ao contrário:

*Outro aspecto também... Deixe-me ver, foi o modo da apresentação, pelo menos no modo de eu andar, eu andava demais de um lado para o outro, sem harmonia no que eu tava falando...*

*Era muito discrepante minha gesticulação.*

Fez diversas referências ao seu novo modo de gesticular, chegando a dizer:

*Porque eu... O principal foco, para mim, foi a gesticulação.*

Acrescenta que fazia os exercícios para redução das tensões musculares:

*Antes de começar o seminário, fazer todo esse exercício de gesticulação, também dos ombros pra relaxar. Eu tava muito tenso, isso ajudou muito, o dos ombros (...)*

Uma postura corporal confortável e ereta; expressão facial em acordo com a mensagem, e gestos que acompanham a fala de um modo harmônico, natural e complementar é o mais recomendável [26].

Esse foi um aspecto de significativa evolução em P1. Após a primeira apresentação, ele não tinha a compreensão de como a distribuição dos

recursos didáticos e a utilização do seu corpo havia interferido negativamente em sua apresentação. A filmagem, ou melhor, o estranhamento por ela causado foi apontado pelo próprio sujeito como essencial para a mudança. Cabe acrescentar que não só se ver, mas refletir sobre o que se vê é que oportuniza a mudança. A conscientização corporal, o controle dos movimentos e a observação no vídeo demonstram ser suficientes para a adequação do papel do corpo<sup>[26]</sup>.

## PARTICIPANTE 2

Uma postura tensa, com gestos de mãos exagerados e meneios de cabeça inadequados (com olhar fixo para cima), além de uma movimentação excessiva com presença de balanceios foi apresentada como descrição da avaliação fonoaudiológica pré-intervenção para P2.

Ele preencheu a autoavaliação sem ter debatido com o grupo, sem ter visto a apresentação de seus colegas e, portanto, escreveu baseado apenas em suas considerações pessoais. Assim, trouxe as queixas com relação à sua voz e ao nervosismo que antecede cada apresentação, mas não fez referências aos recursos não verbais.

Mesmo após a intervenção, a sua participação nas atividades e a observação dos demais participantes pode ter influenciado no resultado final da avaliação fonoaudiológica do follow-up, mas não foi pessoalmente marcante para constar em escrita, realizada no sexto encontro, ou mesmo na entrevista, alguma observação quanto a esses aspectos. Contudo, como fora mencionado, as fonoaudiólogas avaliadoras perceberam melhor uso do corpo como recurso expressivo, pois sua postura e gesticulação foram descritas como adequadas e foi considerado satisfatório o uso que fez do espaço. No entanto, apesar de não estar descrito na avaliação, sua expressão facial ainda revelava tensão, especialmente no olhar. Somado aos demais aspectos, a correria da apresentação deve ter influenciado no fato de P2 se sentir tão nervoso.

A relação que vivenciou com o corpo disse bem mais da nova postura que colaborava com a redução do esforço à fonação do que com a expressividade desse corpo. É a relação necessária entre corpo e voz descrita na literatura<sup>[16]</sup> e se aproxima da relação apresentada em propostas fundamentadas na expressividade<sup>[9;21;22;26]</sup> em que

se vê a necessidade de atrelar as práticas corporais às vocais, especialmente quando se visa intervir na expressão, pois, justificam: “a voz só é incorporada, como o próprio nome diz, quando experimentada em comunhão com a ação do corpo”<sup>[21]</sup>.

## PARTICIPANTE 3

Outro aspecto subvalorizado por P3 em suas apresentações, conforme indica a avaliação fonoaudiológica, são os recursos de sua expressividade corporal. Pré-intervenção foi descrito com postura tensa, inadequada, presa. Apresentou-se em pé, porém parado, com gestos de mãos repetitivos, inadequados e meneios de cabeça descontextualizados. Apesar de não ter compreendido inicialmente o que havia de errado em sua movimentação e gesticulação - “*E de que jeito era pra fazer?*” - chegou a referendar essa observação realizada por F e por seus colegas na sua autoavaliação entre os aspectos negativos ao escrever “*falta de movimentação das pernas*”.

No exercício de apresentação de seminário realizado no último encontro, lembrou-se de que mais uma vez precisava se movimentar mais, porém, conforme ele mesmo descreveu nesse dia, levou ao extremo sua movimentação, pois aconteceu de forma repetitiva e intensa. Não significou uma exploração do espaço como recurso expressivo. Valorizou, porém, sua postura nesse dia. A avaliação fonoaudiológica do follow-up, contudo, foi considerada por ele inadequada, por conta do balanceio das pernas e por se sentar de forma inclinada na carteira. Seus gestos foram descritos como exagerados e, obviamente, não utilizou o espaço como recurso expressivo. Não fez referência sobre os aspectos corporais em sua entrevista.

Caso mais difícil o de P3, visto que nem as imagens de suas apresentações lhe causaram estranheza. É provável que ele pensasse ser o certo: escolher um lugar na frente e apresentar a “sua parte” (como se referiam todo o tempo à sua fala no seminário) como fez na primeira apresentação ou sentar-se e falar olhando para o papel apenas ou para a professora. Mais uma vez, somente a reflexão, uma busca dos sentidos para essa opção por uma expressividade corporal de restrição, de limites, possibilitariam ressignificá-las. No entanto,





os fatores apontados como limitações desse estudo trouxeram maior impacto para este participante.

Assim sendo, tem-se mais uma vez uma representativa evolução dos recursos corporais de postura, gesticulação e movimentação no espaço em P1 e P2, apesar de não ter sido notado por P2, porém mais limitada em P3, que, mesmo sentado, poderia ter direcionado a sua atenção, o seu corpo e a sua voz, para toda a sala que o assistia. Poderia ter sido utilizado de uma movimentação de mãos, uma expressão facial, mais condizente com um assunto que ele mesmo afirma ter se interessado. Resta saber se era esse o seu desejo, pois acredita que sentar lhe trazia mais segurança por ser tímido, muito embora jamais tivesse demonstrado isso durante os encontros.

## ASPECTOS EMOCIONAIS

### PARTICIPANTE 1

Analisando a avaliação fonoaudiológica realizada antes da intervenção, nota-se que P1 é visto como o único que transmite segurança em sua apresentação. Realmente, ele se sente confortável com o falar em público. É o representante (líder) de uma das turmas e uma pessoa bastante comunicativa. Desde o começo dessa pesquisa foi o grande mediador entre a pesquisadora e os demais discentes. Em sua autoavaliação, reconhece sua ansiedade como aspecto negativo, mas pondera que sabia o conteúdo, o que permite inferir que essa segurança com relação ao assunto a ser apresentado, favorece a manutenção da ansiedade no nível do “*stress*” construtivo ou “*eustress*”<sup>[8]</sup>.

Cabe dizer mais uma vez que, na apresentação realizada no período do *follow-up*, P1 demonstrava tranquilidade, não se importando com o fato de ter se apresentado para uma turma do curso noturno. Membros da equipe faltaram à apresentação e ele acabou falando não apenas sobre os tópicos que lhe haviam sido destinados. Fazia perguntas à turma, movimentava-se pela sala, mas não podia se afastar muito do DVD, conforme explicação anterior. Não se intimidava com as perguntas ou participações da professora da disciplina. Demonstrou estar satisfeito com o resultado final da apresentação.

Também escreve “*segurança no conteúdo*” na segunda autoavaliação, em oposição à ansiedade referida na primeira, e transmite segurança às

avaliadoras. Mesmo assim, refere em diferentes momentos da entrevista que:

*Esse seminário me deixou mais seguro,  
quando passei a fazer os exercícios.  
Acho que a partir desse acompanhamento  
que a senhora fez comigo, me senti muito  
mais seguro pra hora de me apresentar nos  
seminários...  
E que eu ganhei mais confiança para  
apresentar.*

### PARTICIPANTE 2

P2 escreveu na autoavaliação pré-intervenção sobre o seu nervosismo. Diversas vezes ao longo da intervenção demonstrou possuir ansiedade com relação à situação de falar em público. Na situação simulada de seminário, sua face não estava tensa, soltou-se mais. Escreveu, na autoavaliação pós-intervenção que conseguiu ter “*domínio do assunto e controle emocional. Embora no início fiquei um pouco nervosa, mas em seguida me posicionei e dei continuidade*”.

A avaliação fonoaudiológica não indicou evolução nesse aspecto, apontando que, para as avaliadoras, P2 transmitiu insegurança. Muito se deve à sua expressão facial, quase uma transparência de seu estado emocional. Sobrancelhas elevadas, olhar assustado, riso nervoso, tenso é a forma que se pode descrever a sua expressão facial na primeira apresentação filmada. Se analisado com calma, percebe-se que, apesar de ainda não se revelar confortável na situação de apresentação, houve evolução, pois sua face já não era tão tensa, conseguia variar expressões faciais de acordo com a demanda do discurso. No entanto, o que fez com que sua segunda apresentação transmitisse insegurança foi a forma apressada com que se apresentou, forçando uma fala mais rápida, de forma incoordenada com a respiração.

Na apresentação meses após a intervenção, P2 até tentou se acalmar antes da apresentação. Foi a primeira a falar, fazendo uma rápida apresentação do trabalho. Nesse momento, mostrou-se serena, segura, desinibida. No entanto, sua fala mais importante seria no final, o tópico que lhe coube a explanação foi o último a ser apresentado. Duas de suas colegas de equipe excederam-se no tempo da apresentação e, quando P2 começou a falar, estava

no acréscimo concedido pela professora para a finalização do trabalho. Utilizou o retroprojetor e um texto em transparências como apoio didático da sua apresentação. Como estava sem tempo, priorizou as informações escritas lendo mais a transparência e fazendo pouquíssimos comentários. Tal contexto não foi favorável e a avaliação das fonoaudiólogas, apesar de sem cortes ou edição para que pudessem observar momentos diferentes da apresentação (abertura, desenvolvimento, fechamento), foi descontextualizada.

Falou sobre a dimensão dessa ansiedade de falar em público na sua entrevista:

*São as pessoas que a gente conhece, que a gente convive, mas vem o nervoso. Eu, antes, se eu tivesse uma dúvida, eu não tirava essa dúvida. Hoje, não. Eu já me descontraio, eu acompanho mais, tiro as dúvidas que eu tenho... Antes eu tinha vergonha...(...) É...(risos) Sério. Ficava acanhada.*

Portanto, pode-se falar em evolução positiva, que mesmo em uma situação de grande estresse, conseguiu ser expressiva conforme indica os demais quesitos da avaliação fonoaudiológica. No entanto, ainda há um longo caminho a percorrer para o controle dessa ansiedade em diferentes situações.

O medo de falar em público é observado na literatura como algo bastante comum entre a população e muitos referem sofrer com esse medo. Em muitos casos, quando excessivo, pode interferir direta e negativamente na qualidade de vida em geral, especialmente nas situações de trabalho ou estudo<sup>[2]</sup>.

### **PARTICIPANTE 3**

P3 também faz referência ao nervosismo na autoavaliação pré-intervenção e comentou a esse respeito no primeiro encontro, confirmando que não estava muito seguro com o assunto.

Após a intervenção, mais uma vez, a avaliação fonoaudiológica não mudou nesse aspecto para P3. Ele referiu à entrevista que não se sentia preparado para a filmagem que aconteceu cinco meses após a intervenção.

*Nessa eu não sabia, não tinha me ligado, me pegou mais de surpresa (...)*

Mas independente da filmagem, fala sobre o nervosismo:

*É! Eu fico muito nervoso, não demonstro não?(...) Acho que eu fico. Acho que eu consigo não demonstrar muito, mas eu fico. Acho que eu consigo disfarçar o nervosismo... Eu sou um cara tímido na essência (...)*

Quando questionado sobre o que mais melhorou (além da referência que fez à articulação), responde:

Controlar o nervosismo, principalmente no início, fica alterado, você não consegue raciocinar direito, mas depois fica tudo bem.

P3 parecia mais preocupado na apresentação do *follow-up* que à intervenção. Ele mesmo refere, posteriormente na entrevista, que não havia se preparado para ser filmado, pois tinha se esquecido da data. Sentiu-se intimidado com a filmadora dessa vez. Como outros membros da equipe, fez a opção de se apresentar sentado (a equipe dispôs algumas cadeiras de frente para a turma) e não utilizou nenhum recurso didático extra – apenas falou com o apoio de um papel com algumas anotações. Iniciou sua apresentação lendo essas anotações, mas, conforme a professora intervinha fazendo suas considerações e questionamentos, ele pôde ficar mais à vontade, mostrando melhor segurança com o conteúdo. Ou seja, a fórmula utilizada para o “controle do nervosismo” não se referia a estratégias de relaxamento ou respiração. Optou por ler o roteiro da apresentação que tinha em mãos e apenas começou a falar mais quando a professora travou com ele um pequeno debate sobre o assunto.

P3 deu uma “receita” para realizar uma boa apresentação:

*Eu acho que o essencial na apresentação é você ter segurança naquilo que você vai falar. Se você souber, se você tiver estudado bem antes, isso já contribui 80%.*

Os três participantes se sentiram mais seguros e acreditam saber controlar melhor o nervosismo. P2 e P3 não revelaram medo excessivo, ou pelo menos não se referiram a si mesmos dessa forma, mas demonstraram claramente o desconforto frente a essa situação, reagindo de forma diferente. Para ela (P2), uma ansiedade, para ele (P3), a preocupação frente ao ato de se apresentar é, assim como em P1, entendido como um desafio a ser superado.

No entanto, P1 teve mais facilidade em, observando a si mesmo, revelar atitudes cada vez mais construtivas nessa situação<sup>[8; 26]</sup>, a ponto de





transmitir segurança a quem tiver oportunidade de assistir suas apresentações. P3 precisou de estratégias pouco didáticas para esse momento: ler mais, não olhar para todos, para o seu público e, talvez por isso, prender-se com relação ao corpo e à voz.

P1 demonstrava ter domínio do assunto, tanto que não estava preparado apenas para ‘a sua parte’, apresentando também o assunto referente aos membros da equipe que faltaram à apresentação. Apesar de se colocar como acanhada, envergonhada, P2 se dispõe a enfrentar as situações de fala sem reclamar. Supera a provável autocritica e medo de arriscar, própria dos tímidos<sup>[17]</sup> e se entrega a um discurso dirigido a todos. P3, embora ciente da mesma regra para superação do medo encontrada entre os participantes de outros estudos<sup>[2:10]</sup>, mostrou-se mais desafiado na primeira apresentação (em que não estava seguro com o conteúdo) do que na última, atribuindo a responsabilidade ao fato de não ter se preparado para ser filmado, pois não sabia ou não se lembrava que seria nesse dia.

Cabe a observação de que se referiram a ele como alguém que “peita” o público, tem coragem. Isso se deve à postura quando, na primeira apresentação, apesar de não convencer as fonoaudiólogas de que estivesse seguro quanto ao conteúdo (fato confirmado por ele), visto que estava muito preso ao texto, manteve-se firme diante de todos.

## ASPECTOS INTERACIONAIS

### PARTICIPANTE 1

Nessa categoria, encontram-se os registros que decorrem da relação dos participantes com a situação do falar a um público. Na avaliação fonoaudiológica houve a observação sobre como eles se relacionavam com suas respectivas “plateias”. Consideraram que ele interagiu bem, tanto antes quanto após a intervenção. Realmente, como fora mencionado, ele tem facilidade para falar em contextos variados. Ser líder de sala demonstra em si um bom relacionamento com os demais de sua turma. Na autoavaliação dos participantes antes da intervenção, o que foi escrito e considerado dessa categoria foi a referência de P1 ao conseguir “demonstrar o conteúdo”. Ele chegou a comentar

sobre o interesse pela docência em conversa após um dos encontros, por isso preocupa-se com aspectos didáticos, tem preocupação com o ‘para quem’ se fala.

À entrevista, revelou:

*É... As pessoas prestaram mais atenção, não necessitou fazer tanto gesto. Só em eu melhorar o meu tom de voz, em um que atingisse a todos. O pessoal prestou mais atenção.*

Relacionou, portanto, a sua expressividade como mais um recurso encontrado para a sua didática, em exercício desde já, enquanto discente, o que mostra que o sujeito é capaz de ressignificar seu espaço interativo, no qual revela sua expressividade, suas respostas, valores, sentimentos e conhecimento, em um momento adequado e de troca como outros<sup>[2]</sup>.

### PARTICIPANTE 2

P2 interagiu de modo regular, segundo a avaliação fonoaudiológica pré-intervenção. Entendeu como positivo, redigindo a esse respeito, o fato de saber que chamava a atenção das pessoas para o que ia falar. Mas não se sentia segura, mantinha um olhar tenso, muitas vezes olhava mais para cima (de maneira reflexiva) do que para as pessoas à sua frente.

No segundo momento da avaliação fonoaudiológica, sua expressividade representou para as avaliadoras uma evolução, pois fora apresentada, não mais como ‘modo regular’, e sim como “procura interagir, explica”. Não estava tão desenvolvida como P1, ainda pelo contexto anteriormente citado, mas tinha mesmo essa postura de explicar o que estava lendo, explorando os recursos corporais e vocais para que a leitura das transparências fosse feita de modo a possibilitar o entendimento da turma.

À entrevista, P2 explicou:

*Assim... Uma das coisas que eu pude aprender também é você olhar para todo mundo, para todas as pessoas. Não direcionar o seu olhar para um só lugar. Saber explicar o assunto. Interagir com o pessoal, com as pessoas que ali estão...*

Nessa categoria, a participante esteve em total harmonia com o que as fonoaudiólogas disseram a seu respeito.

### PARTICIPANTE 3

Quanto a P3, um aparente paradoxo se fez ao mencionar uma fala de um de seus colegas sobre “*demonstrar coragem*” como aspecto positivo de sua apresentação, ao mesmo tempo em que o que vê em si mesmo é a demonstração de sua timidez. Ambas as informações constavam na autoavaliação pré-intervenção.

Após a intervenção, não menciona os aspectos interacionais em suas autoavaliações, mas as fonoaudiólogas avaliam que P3 apresenta discreta melhora, pois fora avaliado como tendo pouca interação na segunda avaliação e nenhuma na primeira. Uma das avaliadoras chegou a explicar essa ‘*pouca*’ interação que só acontecia com a professora.

Quando questionado sobre o porquê de se apresentar sentado, P3 explica:

*Sentado, você se sente menos visto, menos, é... Menos o centro das atenções, vamos dizer assim. Em pé, você tá mais exposto (...)*

Os relatos ilustram a preocupação, como no caso de P3, e o aprendizado de P1 e P2 quanto à interação com o público. Após a intervenção, ficou para P2 a ideia de que, ao olhar para as pessoas, ela sabe que está interagindo melhor, como se os convocasse para participar de sua apresentação. Na literatura <sup>[20]</sup> é recomendado que se olhe para os interlocutores durante a fala, evitando tanto fixar o olhar em um só grupo ou região da sala, quanto desviar o olhar mesmo pelo uso de um material didático. É realmente importante que se observe bem as pessoas para quem se fala, interagindo. Mas deve-se tomar cuidado com os sentimentos despertados. Em P3, o olhar do outro dispara o estresse, pois é visto como avaliação, portanto é evitado. O ideal, para ele, é ser o menos visto possível. Para P1 não havia, mesmo antes da intervenção, uma dificuldade para interagir com as pessoas, tendo ele apenas aprimorado a forma de fazê-lo.

### ESTRATÉGIAS

Com relação aos procedimentos utilizados na intervenção, foram mencionadas por P1 e P3 (sem

referências esclarecedoras em P2) as seguintes estratégias: assistir às filmagens, à análise do grupo, a técnicas para articulação, a técnicas vocais e exercícios de respiração, esse último lembrado como algo não praticado por P3 e praticado por P2.

P2 atribuiu aos exercícios que praticava, dentre outros fatores, a um melhor resultado em uma das apresentações pós-intervenção (que não havia sido registrada), mas a entrevistadora a interrompeu e ela apenas citou os “exercícios de respiração”.

Quem mais aborda a temática das técnicas específicas é P3, referindo o uso antes das apresentações. As estratégias a que se refere P3 se assemelham com as preferidas pelos professores participantes de outro estudo <sup>[14]</sup>, ou seja, exercícios de fácil execução que tragam resultados mais imediatos à emissão vocal, a saber, *humming*, vibração de lábios e de língua.

Solicitar a autoavaliação do cliente fonoaudiológico por meio de filmagens de sua prática e o trabalho em grupos, embora cada vez mais presentes, não ocupam o mesmo espaço na rotina da atuação fonoaudiológica em voz como as demais técnicas lembradas. Optou-se, portanto, por dedicar a análise dessa categoria mais a essas duas estratégias que mantém estreita relação com a atuação na área da expressividade e em trabalhos de assessoria fonoaudiológica. É P1 quem refere como principal responsável por sua mudança nos aspectos corporais o fato de assistir às filmagens de sua apresentação.

Essa é uma atividade muito utilizada nos cursos promovidos por fonoaudiólogos ou não-fonoaudiólogos. A literatura traz diferentes relatos com profissionais e estudantes da mídia televisiva <sup>[26;28]</sup> que utilizam a análise de suas performances em vídeo e até mesmo crianças em instigantes aulas de oratória <sup>[29]</sup> foram filmadas e assistiram às suas apresentações. No entanto, essa estratégia poderia ter sido melhor aproveitada se, com todos, a fonoaudióloga conseguisse abordar conhecimentos, seus modos expressivos, suas sensações, ideias e sentimentos <sup>[27]</sup> acerca do dizer ou sobre conflitos que decorram dessa expressividade <sup>[28]</sup>.

Com relação às contribuições do grupo, elas foram referendadas pelos participantes como algo positivo da intervenção e explicam que a interferência dos outros colegas auxilia a perceber seus próprios erros.

A percepção de si e do outro foi um dos aspectos positivos apontados em outros estudos de



intervenção por meio de grupos <sup>[23,30]</sup>. O trabalho com grupo terapêutico-fonoaudiológico pode ser entendido como um espaço em que o processo contínuo de transformação de si, do outro e, por fim, da própria cultura é oportunizado <sup>[31]</sup>

## JULGAMENTOS

Essa categoria mantém relação com as demais descritas nesse capítulo, mas foram considerados registros específicos dela as referências à evolução, positiva ou negativa, do participante e a avaliação desses quanto ao processo da intervenção. Na autoavaliação pós-intervenção P2 escreveu que *“Em relação a outras apresentações, eu achei que nessa tive um pouco melhor desenvoltura (...)”* Nas entrevistas, os relatos acerca dos resultados finais, de um modo geral, foram bastante positivos, por duas razões: pela real evolução ocorrida, que nada mais é que o despertar para a essa expressividade; e pela ausência de queixas como em P3.

Quanto à intervenção, foram lembrados como aspectos negativos o horário e o curto tempo, o que também foi relatado em outro estudo <sup>[30]</sup>. O horário foi considerado ruim para P1 que preferia que fosse a tarde, pois morava perto de casa e preferia almoçar por lá, mas entendeu que era o melhor para os demais que não tinham sua condição. Quanto à duração da intervenção P2 referiu que *“Inclusive, foi tão curto, tão rápido, eu gostaria até de poder continuar com esses, esse exercício de aprendizagem, né?”* No geral, entenderam a experiência como positiva e disseram:

*(...) mas achei que foi bem válido o trabalho.*  
P1

*Sim! Sensivelmente, eu pude aprender muito com os nossos encontros, P2*

*(...) valeu a pena. P3*

Interessante notar o espontâneo termo utilizado por P2 ao se referir ao trabalho realizado: “exercício de aprendizagem”. Revela algo com que esse estudo compactua: a aprendizagem acontece de modo gradativo e em um ritmo pessoal, quase como a cada novo exercício. Porém, se feito em grupo oportuniza a reflexão. Agindo na *“inter-ação”* <sup>[14]</sup> o fonoaudiólogo facilita a percepção de si, da sua situação e dos outros. Apesar de falar de um tipo de intervenção de caráter terapêutico, um autor <sup>[31]</sup> contribui para essa reflexão ao dizer:

(...) cada membro já chega equipado – em algum nível – com recursos e estratégias sociopsicolinguísticas representativas de seu legado cultural, passando no decorrer do processo terapêutico, a se apropriar de outras estratégias/recursos e a amadurecer/diversificar as possibilidades de uso das que ele já dominava ao chegar, num processo contínuo de transformação que vem a contribuir tanto para seu próprio desenvolvimento ulterior – como ser social – quanto com o desenvolvimento do outro e, assim, de sua cultura.

A prática fonoaudiológica relatada por esse estudo representou mais uma possibilidade de intervenção para o profissional fonoaudiólogo no campo da expressividade. Prática que tem caráter educativo <sup>[32]</sup> e ampla possibilidade de ser revista e ampliada para sua melhor inserção no contexto da educação.

A intervenção proposta contemplou as diferentes tipologias de conteúdos explicitadas em estudo anterior <sup>[5]</sup>. No entanto, houve uma valorização dos procedimentais, por meio dos exercícios, das técnicas utilizadas. Seria mais interessante uma maior exploração dos conteúdos factuais, valorizando outras formas de apresentação em público, discursos famosos, contextualizando-os, discursos atuais de pessoas com formação variada (políticos, advogados, educadores). Além disso, os conteúdos atitudinais, que foram buscados, seriam melhor aproveitados se a conduta fosse verdadeiramente problematizadora.

Com as mudanças propostas, tem-se maior viabilidade dessa ação dentro dos ambientes educacionais com mais frequência. No entanto, é necessário discutir ou negociar se a inserção aconteceria em formato de disciplina <sup>[33]</sup> ou de um curso de extensão.

Se uma instituição educativa entende que é preciso preparar seus alunos para se comunicarem com eficiência, sendo do curso de Direito, recorte adotado nesse estudo, ou de qualquer outra profissão, cabe refletir sobre como tem procedido quanto a essa formação.

Que espaços têm oferecido ao discente para que melhor aprenda o ofício próprio do aluno, visto que são avaliados por suas apresentações? Apenas as repetidas apresentações-avaliações? Em muitos casos, o espaço é restrito aos comentários do professor quando atribui nota da apresentação,

especialmente quando justifica o decréscimo a essa nota por dificuldades relativas ao ato de se apresentar.

Qual o profissional que responde por essa formação? Será o próprio professor da disciplina em que o seminário foi realizado (ou outra forma de apresentação oral) que deverá formá-lo para esse fazer? Ele estaria preparado para tal responsabilidade? Não se aplica aqui a ideia de que é papel exclusivo do fonoaudiólogo essa formação. Ao contrário, a maior parte dos cursos e livros existentes para a preparação de pessoas para o falar em público são de não fonoaudiólogos. Mas há diferenças importantes tanto nos objetivos quanto na finalidade das técnicas/normas [28], visto que não-fonoaudiólogos recorrem mais frequentemente a uma visão fragmentada da linguagem, o que torna a busca por um melhor uso da expressividade algo idealizado.

A Fonoaudiologia deve assumir um lugar que também lhe cabe na preparação de pessoas, especialmente no que se refere à descoberta de novas possibilidades expressivas e melhor uso desses atributos em favor de suas apresentações a diferentes públicos. Porém, sem assumir o lugar de quem tudo sabe, dirigindo uma ação para muitos iguais. Ao contrário, embora educativa, a ação de um fonoaudiólogo não deve afastá-lo das lições básicas da clínica fonoaudiológica: qual a concepção de sujeito e qual a concepção de linguagem que sustenta esse fazer? Mesmo porque a própria educação mudou significativamente nas últimas décadas percebe-se essa postura e a importância de tornar clara a concepção de aprendizagem também devem ser ressaltadas [6].

## Conclusões

Para os participantes, conforme o que referiram sobre si mesmos, os efeitos positivos da intervenção foram percebidos nos aspectos orais (em quesitos diferentes para cada um) e aspectos emocionais (referem sentir mais segurança); por dois participantes quanto aos aspectos interacionais (acreditam que atingem melhor suas plateias) e apenas por um participante com relação aos aspectos corporais (que entende essa como sua maior evolução).

Assistir as filmagens, a análise do grupo, às técnicas para articulação e técnicas vocais foram

as estratégias lembradas pelos participantes cinco meses após a intervenção e, para a algumas delas, houve referência a uma prática habitual ou, ao menos, antes de apresentações. Julgaram a si mesmos como mais eficientes nas últimas apresentações, quando comparados à apresentação que antecedeu a intervenção. A intervenção foi julgada pelos participantes de modo positivo. Entenderam como válido ter participado dos encontros e um dos participantes expressou o desejo de continuar com o que chamou de “exercício de aprendizagem”.

Os resultados encontrados não são passíveis de generalização, mas, vale ressaltar, dessa análise, as fonoaudiólogas avaliadoras perceberam avanços quanto aos aspectos orais, corporais e interacionais, após intervenção, porém não quanto aos aspectos emocionais. Espera-se que mais fonoaudiólogos se apresentem para o ofício de preparar os futuros profissionais da voz ou independente do pretendido exercício profissional, as pessoas que desejam vencer o desafio de falar em público. Ou ainda, que esta pesquisa sirva como referência para outros estudos sobre intervenção fonoaudiológica que tomem a vertente da expressividade, não dissociando a voz da linguagem humana, tanto para os que quiserem seguir caminhos parecidos, como e, principalmente, para os que aceitem a missão de refletir, criticar e renovar as práticas existentes.

## Referências

1. Severino AJ. Metodologia do trabalho científico. 22a. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
2. Barbosa RA. Emoção: efeitos sobre a voz e a fala na situação em público [Dissertação]. São Paulo (SP): PUC-SP, 2005.
3. Marconi MA. Metodologia científica: para o curso de Direito. 2ed. São Paulo, Atlas, 2001.
4. Nunes DJ. A função social das Instituições de Ensino Superior. *Jornal da ciência da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC* – de 17 de fevereiro de /2005. Disponível em: <http://www.jornaldaciencia.org.br/Detail.jsp?id=25457>. Acesso em 27 de junho de 2010.
5. Machado MPSS. Ofício de aluno: um caminho para o conhecimento. In: Damasceno A, Machado H, Souza O. (org.) Fonoaudiologia escolar – Fonoaudiologia e Pedagogia: saberes necessários para a ação docente. Belém: EDUFPA, 2006.
6. Zabala A. A prática educativa – como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.
7. Friedman S. Gagueira. In: Lopes Filho O. Tratado de fonoaudiologia. 2a. ed. São Paulo: TECMED, 2005 p.197
8. Coelho MA. O Custo somático da expressividade – considerações sobre o “eustress” no telejornalismo ao vivo. In: Kyrillos LR. Expressividade – da teoria à prática. Rio de Janeiro: Revinter, 2005, p.95-102



9. Kyrillos LCR. A expressividade nas empresas – dos ‘Workshops’ aos ‘Media Training’. In: op. cit. Rio de Janeiro: Revinter, 2005, p.267-283.
10. Polito R. Vença o medo de falar em público. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/economia/carreiras/artigos/polito/2007/02/23/ult4385u3.jhtm>. Acesso em 20 mar 2007.
11. Bardin L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1979.
12. Cavalcanti D, Bompert R. A Voz do advogado: atuação vocal do advogado no curso de oratória da escola superior de advocacia – OAB/RJ. Ferreira LP, Costa HO. Voz Ativa – falando sobre o profissional da voz. São Paulo: Roca, 2000. p.181-188.
13. Simão ALF, Chun RYS. Do movimento a voz surge naturalmente. In: Lacerda CBF, Panhoca I. Tempo de Fonoaudiologia. Taubaté-SP: Cabral, 1997, p. 61-83.
14. Grillo MHMM. A voz do professor universitário: impacto de um curso de aperfeiçoamento vocal em contexto de prevenção fonoaudiológica [Dissertação]. São Carlos (SP): Universidade Federal de São Carlos, 2001.
15. Huber JE. Effects of utterance length and vocal loudness on speech breathing in older adults. *Respir Physiol Neurobiol* 2008; 164(3): 323-30.
16. Behlau M, Dragone MLS, Nagano L. A voz que ensina: o professor e a comunicação oral em sala de aula. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.
17. Palmeira CT. Comunicação oral na escola. In: Damasceno A, Machado H, Souza O. Fonoaudiologia escolar – Fonoaudiologia e Pedagogia: saberes necessários para a ação docente. Belém: EDUFPA, 2006, p.21-27.
18. Soares RMF, Ferreira LP. Técnicas de imitação e comunicação oral. São Paulo: Loyola, 1977.
19. Quinteiro EA. Estética da voz – uma voz para o ator. São Paulo: Summus, 1989.
20. Gonçalves N. A importância do falar bem: expressividade do corpo, da fala e da voz valorizando a comunicação verbal. São Paulo: Lovise, 2000.
21. Souza LAP, Gayotto LHC. Expressão no teatro. In: Kyrillos LR. Expressividade – da teoria à prática. Rio de Janeiro: Revinter, 2005, p.105-147.
22. Rector M, Cotes C. Uso das expressividades corporal e articulatória. In: op.cit. Rio de Janeiro: Revinter, 2005. p.57-74
23. Chun RYS. A voz do professor: estudo de grupos de saúde vocal em unidade básica de saúde. *Intercâmbio*, vol VII, 1998: 157-165.
24. Carlini AC. Vozes que se cruzam: a intervenção do fonoaudiólogo e o graduando em educação física [Dissertação]. São Paulo (SP): PUC-SP, 2004.
25. Viola IC. O gesto vocal: arquitetura de um ato teatral [Tese]. São Paulo (SP): PUC-SP, 2006.
26. Kyrillos LCR. Voz na mídia (televisão e rádio). In: Ferreira LP, Befi-Lopes DM, Limongi SCO. Tratado de Fonoaudiologia. São Paulo: Roca, 2004b. p.150-165.
27. José CL. As marcas de origem nas vozes e nos intérpretes radiofônicos. *Integração*, v. 45, p. 141-148, 2006.
28. Lopes V. Oratória e Fonoaudiologia estética. Carapicuíba, SP: Pró-fono, 2000.
29. Bergamann LM. A prática da oratória: uma investigação do tratamento da oralidade no ensino de língua materna [Dissertação]. Porto Alegre (RS): UFRGS/FACED, 1998.
30. Azevedo JBM. Análise dos efeitos de uma intervenção fonoaudiológica realizada junto a telejornalistas [Dissertação]. São Paulo (SP): PUC-SP, 2007.
31. Panhoca I. Grupo terapêutico-fonoaudiológico: refletindo sobre esse novo fazer. In: Ferreira LP, Befi-Lopes DM, Limongi SCO. Tratado de Fonoaudiologia – São Paulo: Roca, 2004.
32. Ferreira LP, Chieppe D. Quando as práticas fonoaudiológicas são educativas. *Distúrbios da comunicação*, São Paulo, 17(1): 123 – 126, abril, 2005.
33. Mercatelli C. Expressividade e relações públicas. In: Kyrillos LR. Expressividade – da teoria à prática. Rio de Janeiro: Revinter, 2005, p.237-254.

**Recebido em outubro/11; aprovado em agosto/13**

### **Endereço para correspondência**

*Raquel Aparecida Sousa Azevedo Souza*  
*Universidade do Estado da Bahia - UNEB.*  
*Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-BA.*  
*CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2295.*

**E-mail:** [fono\\_raquel@yahoo.com.br](mailto:fono_raquel@yahoo.com.br)

